

Eternidade e história entre os judeus

Leandro Konder

Na coleção "A vida cotidiana", a editora Companhia das Letras lançou, recentemente, um volume digno de especial interesse, intitulado *Os homens da Bíblia*, que reconstitui um pouco da história antiga dos hebreus e examina as condições do seu dia-a-dia. O autor da obra - o historiador André Chouraqui - realizou uma pesquisa minuciosa e se baseou nos estudos feitos por Pedersen, Roland de Vaux e Salomon Munk, bem como na *Enciclopédia das escavações arqueológicas em Israel* (editada em hebraico em 1970) e no livro *YHVH and the Gods of Canaan*, de W. F. Albright.

A tarefa que Chouraqui se impôs foi das mais difíceis, pois não se encontram documentos e testemunhos muito diversificados a respeito da história antiga dos hebreus. Eles não apreciavam a criação de imagens (condenadas por seus profetas), não pensaram em eternizar a reprodução dos rostos de seus grandes líderes (como Abraão, Moisés ou Davi), e, além disso, tiveram

por grandes inovações tecnológicas. Coube-lhes, entretanto, um pioneirismo que lhes confere lugar de enorme importância na história da humanidade: o monoteísmo, na religião.

A religião desempenhou um papel fundamental na capacidade de sobrevivência da cultura dos judeus, tantas vezes ameaçada de extinção, tantas vezes golpeada com inextinguível violência. Em 1223 a.C., o faraó Merneptah devastou a terra de Canaã e mandou gravar numa pedra: "Israel foi destruído, sem deixar semente". No entanto, pouco mais de dois séculos mais tarde, o rei Davi - que Chouraqui caracteriza como um gênio militar - edificou a cidade de Jerusalém (pronuncia-se Ieruchaim) e abriu caminho para a expansão e o fortalecimento do Estado hebreu.

De onde provém o monoteísmo adotado pelos hebreus? Sabemos que, entre os sacerdotes egípcios, existiam correntes que acreditavam na existência de um Deus único. Tais correntes, de alguma forma, estiveram no poder no período do faraó Akhenaton, que reinou antes do exodo que forçou Moisés e os seus liderados a saírem do Egito em busca da "terra prometida". Mas o

plô de Salomão, no começo do século VI a.C., a verdadeira pronúncia do nome de Deus se perdeu e não foi possível aos hebreus perseguidos reconstituí-la com segurança, pois não podiam se apoiar na linguagem escrita, na qual só estavam registradas as consoantes: YHVH.

Os hebreus se viram, assim, numa situação paradoxal: veneravam um Deus único e não sabiam mais pronunciar seu nome. Adotaram, hipoteticamente, a pronúncia "Yahveh" (ou, simplificada, "Javé"). Chouraqui comenta: "é uma hipótese que infelizmente não pode ser verificada". Mais recentemente passou a ser adotada a pronúncia "Jeová", que também não tem nenhuma garantia de corresponder ao nome original.

Claro que isso não impediu os hebreus de continuarem a invocar Deus. No Velho Testamento (que abrange apenas 39 livros para os judeus e os protestantes, e passa a abranger 46 para os católicos), Deus é chamado de "Eloim" (divindade), "Adonai" (o Senhor), "Saddai" (o Onipotente) e "Elión" (o Altíssimo), além de "Javé".

Podemos supor, até, que esse embaraço que se manifesta na incapacidade de nomear Deus de maneira direta sublinha, entre os hebreus, o alto sentido da transcendência: a tensa consciência que eles têm de estarem relacionados a um Deus que está muito além do conhecimento que podemos adquirir das coisas terrenas. Em face da eternidade e da perfeição de um Deus onipotente e onisciente, de que valem as vicissitudes passageiras do tempo humano? O próprio idioma hebraico parece enfatizar esse compromisso com o eterno, esse desprezo pelo fugaz. Chouraqui nos diz: "O tempo do verbo hebraico exprime com vigor a noção que os hebreus têm da duração. Não há, como nas línguas ocidentais, um passado, um presente e um futuro". O que importa é o que sempre valeu, continua valendo e valerá por todos os dias que virão.

Mas a transcendência não afasta irremediavelmente Deus dos seres humanos, pois a divindade, do alto da sua inacessibilidade, interfere constantemente na nossa história. Os hebreus estão atentos para essa interferência; de certo modo, vivem dela. Os indivíduos que se sentem chamados por Deus dispõem-se a enfrentar qualquer adversário e mobilizam energias capazes de superar qualquer obstáculo. O primeiro rei de Israel, Saul, foi coroado por um profeta, Samuel, que lhe conferiu legitimidade.

Depois, quando Saul adoeceu, envelheceu e começou a agir com insensatez, o mesmo profeta Sa-

muel apoiou a ascensão de Davi ao trono, sempre em nome de Deus. Mais tarde, quando Davi cometeu adultério com Betsabá e encaminhou o marido dela para a morte no campo de batalha, foi severamente criticado por outro profeta, Natã, que se sentiu convocado por Deus para censurar a conduta do rei. Os profetas não poupam os reis, os poderosos, no exercício de sua missão: quem está com Deus é guiado por um poder infinitamente superior ao dos homens.

Essa tensão interna entre a eternidade e o tempo humano, entre a transcendência e a imanença, marcava profundamente a história dos hebreus na Antiguidade. E algumas das marcas da história passada podem ser vistas ainda hoje, em Israel.

Foi o que pude verificar numa viagem feita há pouco mais de um ano. A convite da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, um grupo de não judeus, organizado e acompanhado pelo médico Milton Nahon (presidente da Fierj), percorreu - entre 10 e 20 de setembro de 1989 - alguns dos lugares mais importantes da história dos hebreus. Faziam parte do grupo: o procurador-geral de Justiça do Estado do Rio, Carlos Navega; os vereadores Laura Carneiro e Tito Ryff; os jornalistas Artur Xexéo e Hélio Fernandes Filho; o radialista Haroldo de Andrade; o então presidente da Feema, Carlos Alberto Muniz; e eu.

Atravessamos Israel num micro-ônibus. Estivemos em Jerusalém, em Tel-Aviv, em Jaffa, em Cesareia, em Haifa, em Rosh Hanikra, em Cafarnaum, Nazaré, Tabighah, Masada e no kibutz Bror-Chail. Tivemos oportunidade para ver muita coisa num período limitado e tratamos de aproveitar a ocasião. Podemos discutir com nossos anfitriões e expressar muitas dúvidas a respeito de numerosas questões, algumas das quais bastante delicadas. Ficamos um tanto chocados com a mistura do arcaico e do moderno, que pode ser notada no país. Nosso jurista, o dr. Navega, se surpreendeu com o fato de não existir casamento civil em Israel: duas pessoas só podem se casar legalmente se pertencerem a alguma religião, capaz de sacramentar o matrimônio. Nossos jornalistas - Hélio Fernandes Filho e Artur Xexéo - se espantaram com a repressão do Estado, fechando pequenos jornais editados pela população árabe das áreas ocupadas pelo exército israelense. Nossos vereadores - Tito Ryff e Laura Carneiro - se mostraram preocupados com as limitações do sistema de organização político-partidária, que dificulta enormemente a mobilização de

minorias oprimidas (Laura Carneiro também protestou, com bom humor porém com firmeza, contra a separação do espaço dos homens, bastante amplo, do espaço exíguo destinado às mulheres, ao pé do famoso "Muro das Lamentações", onde os judeus vão rezar e chorar, junto ao que restou do grande templo de Salomão, edificado há quase três mil anos).

A visita que fizemos a Israel não dissipou nossas dúvidas. Em sua maioria, os integrantes de

nascimento de Cristo, no alto de uma montanha do deserto da Judéia, pertinho do Mar Morto. Na época de Herodes, a única via de acesso era uma trilha sinuosa, chamada "o caminho da serpente", que as pessoas escalavam durante várias horas, numa subida de quatrocentos metros. Agora existe um bondinho parecido com o do Pão-de-Açúcar para se chegar lá. No alto, estão as ruínas de dois palácios, dois imensos reservatórios subterrâneos de água, restos da mais an-

A tensão interna entre a eternidade e o tempo humano marcava profundamente a história dos hebreus na Antiguidade

nosso grupo voltaram ao Brasil com a impressão de que a política adotada pelo governo israelense em relação aos povos árabes precisa ser rediscutida. No entanto, independentemente das reservas políticas que formulamos, ficamos todos emocionadíssimos com o encontro, que nos foi proporcionado e com as lembranças do passado bíblico.

Quando nos vimos às margens do rio Jordão, lembramos que, segundo o relato do Velho Testamento, suas águas se abriram para dar passagem a Josué e a seu povo, a fim de lhes permitir a entrada na terra prometida. E lembramos, naturalmente, que, de acordo com o Novo Testamento, tinha sido ali que Cristo fora batizado por João Batista.

Num certo ponto do seu caminho, o Jordão - atualmente muito minguado, em comparação ao que deve ter sido dois mil anos atrás - forma o lago de Genesaré, também conhecido como Kinneret. Nas águas desse lago ainda vivem peixes da mesma espécie daqueles que São Pedro pescava, na época em que Cristo discutia com os doutores da sinagoga. Perto dali, está o Monte das Bem-Aventuranças, no alto do qual Jesus pronunciou há quase dois mil anos o belíssimo Sermão da Montanha. Curiosamente, coube a mim - velho marxista impenitente - lê-lo em voz alta para os meus companheiros de viagem, no local onde ele foi pronunciado pela primeira vez, no início da era cristã.

Outra experiência inesquecível foi a ida a Masada. Mesmo tendo visitado algumas das principais ruínas gregas e romanas, tenho a impressão de que jamais vi um sítio arqueológico tão impressionante como o dessa fortaleza construída por ordem do rei Herodes, poucos anos antes do

tiga sinagoga conservada do mundo e traços que restaram da batalha final travada pelos judeus contra os romanos, no ano 73 da nossa era. Vinte e seis mil soldados romanos bem equipados, comandados pelo general Flavius Silva, levaram três anos para derrotar menos de mil judeus mal-armados (liderados por Ben Yair). Na véspera do assalto final, os judeus, reconhecendo que estavam perdidos, se reuniram, debateram, votaram, decidiram: se suicidaram.

Masada supera todas as expectativas. Lendo o livro *Os homens da Bíblia*, de André Chouraqui, pensei na fortaleza. Do alto da montanha ainda podem ser enxergados os restos dos oito acampamentos onde os soldados romanos permaneceram ao longo de três anos, cercando os rebeldes. Os judeus votavam à maneira dos gregos, gravando o voto em peças de cerâmica chamadas "ostraka". As escavações arqueológicas feitas no local nessas últimas décadas desenterraram várias "ostraka"; e também armas, sandálias, pentes, peças de roupa. A gente pode ver todas essas coisas no museu; pode entrar em contato direto com pedaços remanescentes da existência cotidiana dos antigos hebreus. Mesmo nesse encontro com os objetos do cotidiano que estão no museu, entretanto, a dimensão da eternidade - tão forte na cultura dos judeus - acena, de repente, para nós. Fiqui com os olhos úmidos ao me deparar com uma "ostraka", na qual em caracteres hebraicos (que o nosso guia, Boris Weisman, decifrou para mim) se podia ler o nome de "Ben Yair". Teria sido o derradeiro voto do líder da resistência de Masada contra os romanos? Estaria eu diante da última manifestação do herói, de confiança na eternidade?

A verdadeira pronúncia do nome de Deus se perdeu e não foi possível aos hebreus perseguidos reconstituí-la com segurança

seu patrimônio muitas vezes destruído por invasores implacáveis de seus territórios (como os egípcios, os assírios, persas, babilônios, gregos, romanos e árabes).

O historiador se apoiou, sobretudo, na fabulosa reserva de informações constituída pela Bíblia, especialmente pelo Velho Testamento. E se concentrou na observação dos dados constantes do Pentateuco (ou Torá), isto é, dos cinco livros atribuídos a Moisés: o Gênesis, o Exodo, o Levítico, o Números e o Deuteronômio.

A cultura dos hebreus não é a mais antiga do mundo, nem mesmo desse pequeno período da nossa história que costumamos estudar e que se inicia com a saída do paleolítico. Os egípcios, os chineses, os povos da Mesopotâmia e os cretenses, por exemplo, são anteriores aos hebreus, em seu florescimento cultural. Além disso, em sua expressão cultural, os hebreus da Antiguidade não se notabilizaram pela criação de nenhum grandioso estilo arquitetônico, não fizeram nada comparável às pirâmides do Egito ou à Acrópole de Atenas; tampouco ficaram célebres por avanços científicos excepcionais ou

fato é que os hebreus retomaram o facho onde os egípcios o deixaram cair.

O hebraico, como idioma, pertence ao mesmo tronco, à mesma família que o aramaico, o cananeu, o púnico e o fenício (língua dos homens que inventaram o alfabeto). Porém - adverte Chouraqui - ele é o único idioma dessa família que escapou à morte e continua sendo falado até os nossos dias. Uma peculiaridade do hebraico está no uso das vogais, que podem ser longas ou breves, dão o sentido das palavras, entretanto não se explicitam na linguagem escrita. "O hebraico é uma língua aristocrática: só revela o seu segredo aos que o conhecem bem". Essa peculiaridade acabou por criar um problema seríssimo para os hebreus. Como sinal do imenso respeito que tinham por seu Deus único, não lhe pronunciavam o nome. Tratando-se de um nome inefável, só o maior dos sacerdotes podia pronunciar-lo publicamente, uma vez por ano, no interior do templo construído pelo rei Salomão, durante a cerimônia da expiação. Depois que os soldados de Nabucodonosor, rei da Babilônia, destruíram o tem-

